

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS ECONÔMICAS
CURSO DE CIÊNCIAS ECONÔMICAS**

**A DINÂMICA DA ECONOMIA, AS POLÍTICAS
ECONÔMICAS E AS RELAÇÕES DE PRODUÇÃO DA
UNIÃO SOVIÉTICA NO PERÍODO DE 1945 A 1991**

MONOGRAFIA DE GRADUAÇÃO

Robson José Dhein

**Santa Maria, RS, Brasil
2015**

**A DINÂMICA DA ECONOMIA, AS POLÍTICAS
ECONÔMICAS E AS RELAÇÕES DE PRODUÇÃO DA UNIÃO
SOVIÉTICA NO PERÍODO DE 1945 A 1991**

Robson José Dhein

Monografia apresentada ao Curso de Ciências Econômicas da Universidade
Federal de Santa Maria como requisito parcial para obtenção do grau de
Bacharel em Ciências Econômicas

Orientador: Prof. Sérgio Alfredo Massen Prieb

**Santa Maria, RS, Brasil
2015**

**Universidade Federal de Santa Maria
Centro de Ciências Sociais e Humanas
Graduação em Ciências Econômicas**

A Comissão Examinadora, abaixo assinada,
aprova a Monografia de Graduação

**A DINÂMICA DA ECONOMIA, AS POLÍTICAS ECONÔMICAS E AS
RELAÇÕES DE PRODUÇÃO DA UNIÃO SOVIÉTICA NO PERÍODO
DE 1945 A 1991**

elaborada por
Robson José Dhein

como requisito parcial para a obtenção do grau de
Bacharel em Ciências Econômicas

COMISSÃO EXAMINADORA:

Sérgio Alfredo Massen Prieb, Dr.
(Presidente/Orientador)

Irina Mikhailova, Dr. (UFSM)

Lazaro Camilo Recompensa Joseph, Dr. (UFSM)

Santa Maria, 26 de junho de 2015.

RESUMO

Por meio deste trabalho busca-se apresentar a dinâmica da economia soviética nos anos de 1945 a 1991, além das políticas econômicas e das mudanças nas relações de produção ocorridas no período. Para tal fim, é feita uma pesquisa com base em livros e artigos científicos. O trabalho foi estruturado com base nos governos dos principais líderes da URSS durante o período de análise. Com base na pesquisa, verificou-se que as políticas econômicas dos anos de 1957 e 1965 foram responsáveis por alterar aspectos das relações de produção, porém não foram responsáveis pela desintegração da URSS. As políticas do governo Gorbachev foram as responsáveis pela desintegração da URSS.

Palavras-chave: Políticas Econômicas. Relações de Produção. Economia Soviética.

ABSTRACT

Through this work we seek to present the dynamics of the Soviet economy in the years 1945-1991, in addition to economic policies and changes in production relations in the period. To this end, the research is based on scientific books and articles. The work was structured based on the governments of the main leaders of the USSR during the analysis period. Based on the research, it was found that the economic policies of the years 1957 and 1965 were responsible for changing aspects of production relations, but were not responsible for the disintegration of the USSR. Gorbachev government policies were responsible for the disintegration of the USSR.

Keywords: Economic Policy. Production relations. Soviet economy.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	6
2 OS ÚLTIMOS ANOS DE STALIN (1945-1953).....	8
3 O GOVERNO KHRUSHCHEV (1955-1964).....	12
4 O GOVERNO BREZHNEV (1964-1982).....	18
5 O GOVERNO GORBACHEV (1985-1991).....	25
6 O FIM DA URSS E AS SUAS CONSEQUÊNCIAS.....	29
7 CONCLUSÃO.....	30
8 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	32

1 INTRODUÇÃO

Com este trabalho buscou-se apresentar um pouco do que ocorreu na economia e política da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS). Para tanto, o trabalho foi dividido em seções que apresentam, cada uma, um pouco do desempenho da economia sob o governo dos diferentes líderes do Partido Comunista da União Soviética (PCUS). É importante ressaltar, porém, que houve períodos em que não havia apenas um dirigente, ou, ainda, tais dirigentes governaram por muito pouco tempo. Deste modo, o trabalho trata apenas dos dirigentes que governaram a URSS por períodos mais significantes. São eles: Stalin, Khrushchev, Brezhnev e Gorbachev.

No decorrer do trabalho, são apresentadas, também, algumas dificuldades enfrentadas pela economia soviética. Algumas delas são decorrentes do próprio sistema socialista, outras do contexto em que a economia soviética se encontrava, a Guerra Fria.

Além dos capítulos referentes a cada um dos líderes da URSS, são apresentadas, ao final do trabalho, algumas informações a respeito da desintegração da URSS, assim como algumas consequências de tal evento. Por fim, a conclusão faz uma breve análise do que se verificou durante a elaboração do trabalho no que se refere aos objetivos especificados.

O estudo da economia soviética não carece de literatura no que diz respeito ao seu desempenho. Temas que tem foco em índices da economia e na situação socioeconômica são tratados em diversos trabalhos na área. Porém, pouco se fala das questões a respeito das reais causas que constituem as raízes das mudanças nas relações de produção na URSS.

As políticas econômicas adotadas no período pós Segunda Guerra Mundial não recebem a devida atenção da comunidade acadêmica para explicar suas consequências na estrutura da economia. O que se sabe, por meio da observação dos índices de desempenho da economia soviética, é que esta teve dificuldades em continuar o seu ritmo de crescimento que se iniciou na década de 1930. Apresentando taxas de crescimento cada vez menores e diminuição gradual no investimento, algumas reformas foram feitas para tentar reverter essa situação.

A Doutrina Brezhnev, de modo mais amplo, pregava a possibilidade de se intervir em outros Estados socialistas, inclusive militarmente, caso fosse necessário para manter o socialismo, nos mostra o foco dado pelas políticas do Partido Comunista da União Soviética (PCUS) em indústria militar. Esse quadro teve uma mudança significativa após os encontros

diplomáticos em que foram acordadas reduções no investimento militar. Isso possibilitou investir mais na indústria de bens de consumo para melhorar o bem-estar da população.

Desse modo, o problema ao qual se procura encontrar uma resposta com esse trabalho é: quais foram as políticas econômicas implantadas na URSS, de 1945 a 1991, e qual o seu papel na derrocada do regime socialista?

Com o fim da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS), a ideologia comunista sofreu uma queda no mundo todo dando lugar a uma hegemonia quase absoluta da ideologia capitalista. Porém, enquanto vigorou, a URSS mostrou a capacidade de uma economia planificada de alcançar altos níveis de desenvolvimento.

A URSS foi a principal economia planificada, chegando a apresentar um PIB *per capita* próximo a 40% do nível dos Estados Unidos. Esse é um dado ainda mais significativo quando se leva em consideração as adversidades pelas quais a economia soviética passou: foram uma guerra civil e duas grandes guerras em pouco mais de trinta anos.

A escolha do período a ser estudado neste trabalho foi motivada pelo interesse não apenas da economia soviética, mas também pela situação em que ela se encontrava, de competição com a economia americana, sendo cada uma delas a representação principal de suas ideologias na Guerra Fria. Desse modo, uma análise mais detalhada sobre essa economia, de tantas particularidades, merece um espaço no âmbito de discussão acadêmica para aqueles que desejam uma melhor compreensão do funcionamento de uma economia socialista.

O objetivo principal deste trabalho é analisar a dinâmica da economia soviética no período do segundo pós-guerra e o seu papel no fim da URSS. Para isso, os objetivos secundários são:

1. Estudar a evolução dos dados macroeconômicos da União Soviética no período pós-segunda guerra.
2. Mostrar as principais mudanças das relações de produção ocorridas no período pós-segunda guerra como resultado das políticas econômicas adotadas.
3. Analisar o papel que as políticas econômicas adotadas pela URSS tiveram na crise do socialismo.

O presente trabalho é de caráter exploratório, tendo base em dados secundários para a análise do desempenho macroeconômico da URSS, assim como apresenta, também, um caráter de revisão teórica de obras já publicadas com a mesma temática.

2 OS ÚLTIMOS ANOS DE STALIN (1945-1953)

O PIB per capita da União Soviética, ao final da Segunda Guerra Mundial, em 1945, retrocedeu a níveis de 1935, o que não representa grandes decréscimos de produção, tendo em vista a magnitude do conflito e a quantidade de vidas perdidas. Países como a Áustria, a França e a Grécia, por exemplo, tiveram seus índices retrocedidos a níveis de 1860, 1895 e 1870, respectivamente¹.

A recuperação da economia, porém, se deu a uma velocidade bastante rápida se comparada à recuperação após a Guerra Civil. Enquanto após a Segunda Guerra a recuperação dos níveis pré-guerra ocorreu em três anos, a recuperação após a Guerra Civil levou de sete a dez anos².

Essa rápida recuperação, assim como o alto crescimento da economia soviética em um panorama global, é tema de ampla discussão, a respeito do qual surgiram várias teorias para explicar as características desse crescimento. A reconstrução do país e a defesa contra possíveis novas ameaças foram as principais metas traçadas nesse período³.

Segundo Katassonov (2014), o modelo da economia soviética no período de 1930 a 1960 tinha as seguintes características: propriedade social dos meios de produção; papel decisivo do Estado na economia; direção centralizada; planificação diretora; complexo econômico nacional unificado; caráter mobilizador; autossuficiência máxima; prioridade aos indicadores naturais; caráter limitado das relações monetário-mercantis; aceleração do desenvolvimento dos ramos da indústria de meios de produção em relação à indústria de bens de consumo; combinação de estímulos materiais e morais ao trabalho; inadmissibilidade de rendimentos não provenientes do trabalho e acumulação individual excessiva de bens materiais; garantia de satisfação das necessidades vitais a todos os membros da sociedade e elevação incessante do nível de vida; apropriação social dos resultados da produção, etc⁴.

Nesse período, ao contrário do que ocorreria mais adiante, a planificação central da economia era algo que facilitava a alocação racional dos recursos:

Constituindo a maior corporação do mundo, a economia soviética utilizou habilmente os pontos fortes de qualquer grande corporação: a possibilidade de planificar e realizar planos de longo prazo, aplicar recursos colossais no

¹ HARRISON, 2010, p. 2.

² Ibid, p. 2.

³ RODRIGUES, 2006, p. 19.

⁴ KATASSONOV, 2014, p. 3.

desenvolvimento das orientações prioritárias, fazer grandes investimentos de capital em prazos curtos, gastar grandes recursos em trabalhos de investigação científica, etc. (KHANINE, 2003, p. 46 apud ARKHANGUELSKAIA, 2008, p. 3)

A respeito das vantagens do sistema de planificação, Parra (2013, p. 77) também nos esclarece que uma economia socialista planificada apresenta problemas imensos. O que existe, na verdade, são dificuldades, as quais uma economia planificada que deseja ser exitosa deve contornar. As dificuldades, como a burocracia, por exemplo, podem ser superadas, e apenas se não forem, aí então, serão realmente problemas.

Tão logo a Segunda Guerra chegou ao fim, os EUA cessaram as exportações para a URSS e, com o advento da guerra fria, foi imposto um embargo econômico aos soviéticos. Na década de 1950 foi implantado um sistema de licenças para dificultar as relações comerciais soviético-americanas⁵.

Segundo Fischer (1994), devido às exigências descabidas dos países ocidentais, que buscavam enfraquecer a constituição do bloco socialista, a URSS rejeitou a participação nas instituições de Bretton Woods, em 1945, e no Plano Marshall, em 1947, preferindo estabelecer instituições em um bloco socialista do que participar da velha aliança dos tempos da guerra. Foi em 1949 que foi criado o Conselho de Ajuda Mútua Econômica (CAME).

O CAME era, inicialmente, uma rede de acordos anuais bilaterais, onde as importações e exportações de cada país eram equilibradas. Mais tarde, o CAME tornou-se um instrumento de integração de todas as economias socialistas⁶.

A maioria dos acordos firmados no CAME tinha a duração de cinco anos, o que facilitava o planejamento nos países que adotavam os planos quinquenais. Essa é uma maneira de integrar as economias socialistas, pois cada país levava em consideração as necessidades dos outros países ao elaborar os seus planos⁷.

Grande parte das obras que atenderam às necessidades dos diversos países socialistas na região do Leste Europeu foi financiada conjuntamente. Os melhores exemplos talvez sejam os gasodutos e oleodutos. Além disso, os países membros do CAME ajudaram Cuba na construção de empresas de níquel e cádmio⁸.

O comércio externo da União Soviética cresceu desde o fim da Segunda Guerra Mundial. O valor aumentou de 2,9 bilhões de rublos em 1950 para 10,1 bilhões em 1960, 22,1

⁵ PERLO, V.; PERLO, E.; 1981, p. 354.

⁶ Ibid, p. 327.

⁷ Ibid, p. 328.

⁸ Ibid, p. 328.

bilhões em 1970 e 63,4 bilhões em 1976. O volume físico aumentou 57% no período de 1970 a 1975, ultrapassando o crescimento da produção interna⁹.

O comércio exclusivamente com os países capitalistas também teve um pequeno aumento logo após a Segunda Guerra. Porém, tão logo se deu o início da guerra fria, o comércio voltou a diminuir em função das tensões políticas. Segundo Perlo e Perlo (1981), “O nível mais baixo teve lugar em 1950, quando o valor do intercâmbio comercial entre a URSS e os países capitalistas desenvolvidos constituiu apenas 440 milhões de rublos. Este índice aumentou gradualmente para 2,8 bilhões de rublos em 1965, 4,7 bilhões em 1970 e depois saltou bruscamente para 15,8 bilhões de rublos em 1975, quando o desanuviamento político se tornou o traço básico das relações entre o Leste e o Oeste”¹⁰.

O volume do comércio internacional da URSS era muito limitado, porém, em razão de fatores políticos. Durante a guerra fria, os Estados Unidos e alguns outros países aliados, principalmente os membros da OTAN, retornaram com as hostilidades econômicas. Contudo, a União Soviética tinha agora outros países, também socialistas, com os quais podia realizar acordos de comércio.¹¹

O pensamento de Stalin a cerca da alocação de recursos na economia era de que o investimento na indústria de meios de produção (aço, energia elétrica, infraestrutura de telecomunicações e transportes, etc.) deveria prevalecer sobre a indústria de bens de consumo. Tal pensamento não poderia ser muito diferente, vista a situação da URSS no pós-guerra. Dava-se ênfase à indústria pesada, aos bens de capital e à indústria bélica. Stalin conseguiu inverter a proporção da produção de bens na economia soviética. Enquanto, em 1928, os bens de capital representavam apenas 39,5%, estes passaram a representar 68,8% da produção soviética¹².

⁹ PERLO, V.; PERLO, E.; 1981, p. 324.

¹⁰ Ibid. p. 335.

¹¹ Ibid. p. 324.

¹² MAZAT e SERRANO, [2012?], p. 7, tradução nossa.

Tabela 2.1 – Produção de bens na indústria pesada

Setor	Produção	
	1940	1950
Petróleo	31,1 milhões de toneladas	37,9 milhões de toneladas
Aço	18,3 milhões de toneladas	27,3 milhões de toneladas
Carvão	165,9 milhões de toneladas	261,1 milhões de toneladas
Energia	48,3 bilhões de quilowatts	91,2 bilhões de quilowatts

Fonte: Elaboração própria com base em dados de (RODRIGUES, 2006, p.120).

Esse aumento na alocação dos recursos para os meios de produção deu resultado. A Tabela 2.1 nos mostra o aumento da produção de alguns setores. Esse aumento, porém, se deu à custa de uma poupança forçada, privando a população dos bens de consumo no período pós-guerra¹³.

Em 1952, foi aprovado o V Plano Quinquenal, com as mesmas prioridades (alocação dos recursos principalmente para os meios de produção). O setor de bens de consumo continuava tendo resultados abaixo das expectativas do plano, em parte devido às rígidas condições de trabalho e à falta de perspectiva de mudanças.

Segundo Rodrigues (2006), o modelo de crescimento adotado pela economia soviética era, desde a década de 1930, um modelo extensivo:

Desde o início dos anos 30, quando se configuraram as características básicas do sistema soviético, o Estado, para atingir mais velozmente o patamar de industrialização próximo daquele existente no Ocidente e assim não ser esmagado por ele, recorreu aos planos quinquenais e à mobilização total dos recursos humanos e naturais fartamente existentes em um país continental e rico que cobria um sexto do planeta. Durante a fase de assimilação da tecnologia ocidental e de *acumulação primitiva socialista* dos anos 30, estabeleceu-se um modelo de crescimento econômico que pode ser classificado como *extensivo* que foi mantido mesmo no pós-guerra. Tal padrão correspondia tipicamente a uma economia industrial em suas primeiras fases de desenvolvimento, na qual suas elevadas taxas de crescimento eram asseguradas essencialmente pela incorporação de novos e amplos contingentes de trabalhadores e pelos elevados recursos investidos anualmente em novos meios de produção e insumos. Nesse modelo, as inovações técnicas e os ganhos de eficiência tinham importância menor. (RODRIGUES, 2006, p. 165)

¹³ RODRIGUES, 2006, p. 120.

Essa é, então, uma das explicações para a rápida recuperação da economia soviética, Porém, como veremos mais adiante, esse modelo de crescimento não poderia ser sustentado para sempre, o que acarretou em algumas dificuldades posteriores.

3 O GOVERNO KHRUSHCHEV (1955-1964)

Khrushchev, ao contrário de Stalin, declarou em 1956 que a economia soviética já possuía uma indústria pesada bem desenvolvida e que agora tinha condições de alocar seus recursos prioritariamente na produção de bens de consumo¹⁴.

Singh (1995) também nos mostra a cisão ideológica após a morte de Stalin em 1953.

Para o autor:

o socialismo já não significava, como para Lênine e Stáline, a abolição das classes e o avanço para o comunismo, mas a preservação dos kolkhozes como forma de propriedade, o desenvolvimento da ideologia do “progresso técnico-científico” à margem de uma perspectiva de classe e a introdução generalizada das relações monetário-mercantis. (SINGH, 1995, p. 3).

Para Parra (2013), ao contrário de Singh, as mudanças que Khrushchev objetivava eram totalmente socialistas e, embora tenha cometido alguns erros, isso não diminui a importância das suas reformas. Segundo o autor, Khrushchev teve algumas dificuldades com outros dirigente do partido e com a população¹⁵.

Khrushchev era um verdadeiro crítico de Stalin. Não se limitou apenas a mudar o rumo da política soviética, como também não poupava insultos ao modo de governo stalinista.

Rodrigues (2006) nos mostra um pouco do que aconteceu:

Em 1956, veio o *informe secreto* de Kruchev denunciando os crimes de Stalin. Um grande abalo nas fileiras do PCUS e demais partidos comunistas pelo mundo afora. De repente, o “guia genial dos povos”, o “principal líder da construção do socialismo na URSS, ao lado de Lênin”, era apresentado com outra face, isto é, a de déspota sanguinário, um criminoso, um tirano cruel. As denúncias tinham alcance limitado. Apontavam apenas “excessos” na perseguição a membros do partido e esqueciam os milhões de perseguidos, presos, mortos e deportados pelo sistema, não condenavam o próprio regime e os atuais reformadores que haviam sido eles próprios cúmplices dos crimes de Stalin, além do que o *informe* foi por muito tempo omitido do público da URSS. Mas apesar de limitado, o ataque de Kruchev causou uma grande confusão nas fileiras do PCUS e demais partidos comunistas. As denúncias provocaram resistências de forças stalinistas mais duras dentro dos

¹⁴ MAZAT e SERRANO, [2012?], p. 7, tradução nossa.

¹⁵ PARRA, 2013, p. 45.

organismos máximos do partido, que ameaçaram um golpe contra Kruchev e o novo ambiente de críticas e reformas. Consolidada a vitória de Kruchev no terreno político, no entanto, em 1957, as mudanças em andamento foram aprofundadas. (RODRIGUES, 2006, p. 128)

Segundo Rodrigues (2006), o foco na mudança da política econômica era a agricultura. Para aumentar o padrão de vida e atender às suas necessidades mais básicas, era necessário, primeiro, superar as barreiras impostas pela produção agrícola.

Desse modo, algumas das medidas tomadas pelo governo para estimular a produção agrícola, foram aumentar os preços dos produtos agrícolas, reduzir os impostos sobre os produtores rurais, além de reintroduzir algumas relações mercantis.

Uma questão que foi amplamente discutida na época foi a questão dos produtores rurais, onde parte dos dirigentes do Partido Comunista da União Soviética (PCUS) defendia que a maquinaria agrícola deveria ser vendida às cooperativas agrícolas, os *kolkhozes*, e a outra parte mantinha a opinião de que esta deveria ser mantida sob a propriedade do Estado. Singh (1995), novamente, nos mostra o que se sucedeu:

Através da directiva n.º 663, de Julho de 1957, o Gosplan acabou com o sistema de alocação de maquinaria agrícola, herdado da época de Stáline, e criou, sob a sua jurisdição, a organização *Glavavtotractorsbita*, que tinha como função vender a maquinaria necessária ao sector agrícola. (SINGH, 1995, p.6).

Ainda sobre as medidas para aumentar a produção agrícola, foram criadas inúmeras novas fazendas estatais, os *sovkhoses*, além de novas estradas e redes de energia, para incentivar a ida de pessoas para essas regiões. Em 1956, foram criadas medidas para o aumento das terras cultiváveis e da produtividade, utilizando inclusive a irrigação¹⁶.

Foram concedidos aumentos salariais, houve diminuição dos preços dos bens de consumo, melhoraram os serviços prestados à população. Essas medidas, adotadas por Khrushchev, buscavam corrigir o cenário de total prioridade à indústria de bens de capital.¹⁷

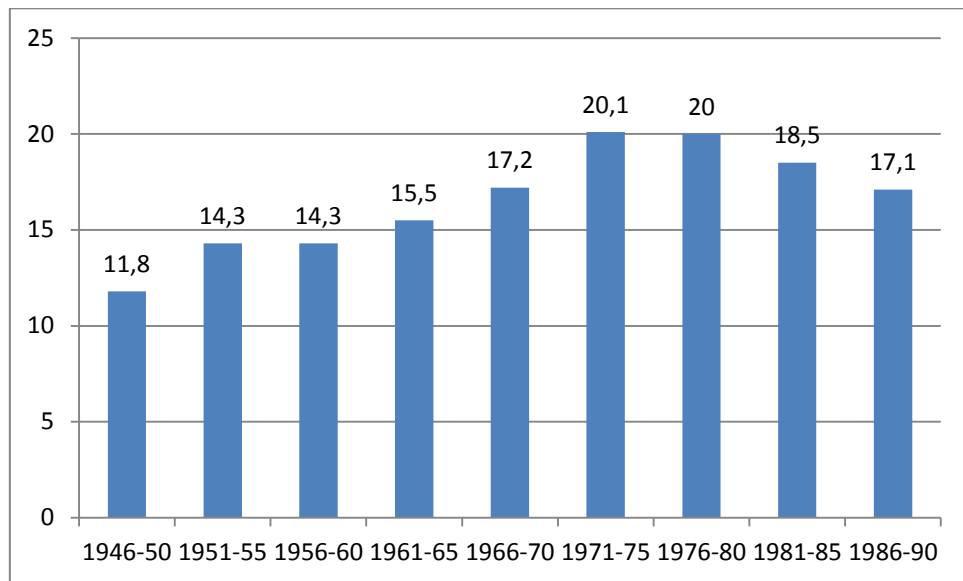
Tais medidas tiveram um impacto positivo, inicialmente, na produção agrícola, por exemplo. Entre 1954 e 1959, essa teria aumentado cerca de 7% ao ano. Boa parte desse aumento se deu em função da exploração de novas áreas de plantio, além de aumento da produtividade e elevação do rendimento. Também nesse período, a renda real por habitante cresceu em torno de 37%¹⁸.

¹⁶ AGANBEGUIAN, 1998, p. 63 apud RODRIGUES, 2006, p. 126.

¹⁷ Ibid, p. 125.

¹⁸ AGANBEGUIAN, 1988, p.64 apud RODRIGUES, 2006, p. 127.

Gráfico 3.1 – Parcela dos investimentos em capital destinada à agricultura (%)



Fonte: (MAZAT e SERRANO, [2012?], p. 10)

O gráfico 3.1 ilustra bem a parcela do investimento destinada à agricultura. Nota-se um aumento de tal parcela no período pós-guerra até o final da década de 1970, quando começou a reduzir-se.

Em 1957, a chamada Reforma Industrial, criou 105 Conselhos Regionais de Economia, os chamados *sovnarkhozes*. Desse modo, descentralizavam-se, em certa medida, as decisões acerca da produção. Esses conselhos, segundo Rodrigues (2006), “seriam responsáveis pela orientação e coordenação da produção e da distribuição em suas respectivas áreas de jurisdição”.

Segundo Nove (1963), os *sovnarkhozy* eram responsáveis pela preparação de planos, organização de seu cumprimento, fiscalização de contratos e entregas, e muitas outras questões, grandes e pequenas. Os *sovnarkhozy* “estariam interessados no cumprimento de planos para a suas regiões – produção bruta, redução de custos, adoção de novas técnicas, produtividade da mão-de-obra, e assim por diante”¹⁹.

O autor faz ainda uma crítica à reforma de 1957, alegando que a produção não foi descentralizada mas, em vez disso, criou-se uma “multiplicidade de órgãos centrais, operando

¹⁹ NOVE, 1963, p. 239.

através de unidades territoriais, mas incapaz de delegar qualquer poder efetivo sobre a distribuição de recursos”²⁰.

O conjunto de medidas até então tomadas no governo de Khrushchev teriam melhorado a qualidade de vida do povo soviético:

o conjunto de medidas reformadoras, a ampliação da produção agrícola, o novo surto de industrialização, com maior atenção aos bens de consumo, e a melhoria nos serviços fizeram com que no final da década de 50 o nível de vida da população soviética tenha melhorado sensivelmente. A taxa de mortalidade caiu acentuadamente e a expectativa de vida dos soviéticos aproximou-se da dos países centrais, em suma, a rápida elevação da renda nacional permitiu uma relativa melhoria do bem-estar social. Visto de conjunto, por qualquer fonte de dados que se tome, o ritmo de crescimento da produção industrial e da renda nacional soviéticas foi bastante elevado durante os anos 50, novamente superando o dos países capitalistas, exceto o Japão, apesar de que esses contavam com o auxílio do Plano Marshall e já viviam o ciclo ascendente do *boom* capitalista do pós-guerra. De acordo com dados soviéticos, durante a década de 50 a renda nacional soviética teria crescido a uma média anual superior a 10%. O fosso existente entre os níveis de desenvolvimento econômico e social dos EUA e da URSS parecia diminuir. (AGANBEGUIAN, 1988, p. 55 apud RODRIGUES, 2006, p. 129)

Segundo Fischer (1994), a década de 1950 marca o ponto alto do sistema soviético. O autor destaca o aumento do PNB, superior a 6% ao ano, o consumo per capita, que aumentou mais de 4% ao ano, o aumento da renda agrícola e o lançamento do Sputnik.

Com os bons resultados alcançados na década de 1950, era muito comum, na época, escutar que a URSS iria ultrapassar os EUA em termos de produção, produtividade do trabalho e nível de vida da população. Na década de 1960, porém, a economia soviética perdeu força. Segundo Mikhailova (2011):

Na década de 1960, a economia soviética, apresentando o crescimento ainda elevado, já começou a perder o seu ritmo. (...) as taxas de crescimento da Renda Nacional (produto nacional líquido) recuaram nesse período, em comparação com as da década anterior. O investimento total, na década de 1960, cresceu menos do que a Renda Nacional, implicando, também, na perda do ritmo do processo de acumulação do potencial produtivo. (MIKHAILOVA, 2011, p. 40)

No final do governo Khrushchev é que se discutem os problemas econômicos da URSS. O momento de desaceleração era propício para tal discussão. A partir da análise profunda, dos setores em que a economia não tinha desempenho conforme programado nos planos quinquenais, era possível tomar medidas para corrigir os erros que levavam a tais resultados.

A questão da desaceleração da economia soviética é tratada por Fischer (1994), onde o autor diz que a explicação mais simples para essa desaceleração é a de que a URSS teria

²⁰ NOVE, 1963, p. 250-251.

alcançado, ao final da década de 1960, os seus limites naturais. Isso se devia ao fato de a economia soviética ser baseada no aumento da força de trabalho e na exploração dos seus recursos naturais.

Rodrigues (2006) também nos fala a respeito dos limites naturais e de alternativas para contornar o problema:

A partir dos anos 70, a economia soviética começaria a enfrentar os limites da natureza e da sociedade para continuar se expandindo com um modelo extensivo como esse. Tanto a redução do ritmo de incorporação de novos contingentes de trabalhadores, como as crescentes dificuldades para a obtenção de recursos naturais adicionais se mostrarão fatores explicativos essenciais na desaceleração da economia soviética desde então, ou seja, para o esgotamento do modelo extensivo de crescimento que estava baseado em uma visão *fordista* da organização da produção. (RODRIGUES, 2006, p.167)

Outros fatores que contribuíram para tal fenômeno foram o aumento no preço da energia nas décadas de 1970 e 1980, o que era um aspecto que pesava mais nas economias intensivas no uso de energia, o crescimento da complexidade dos processos de produção, com os quais as economias planejadas teriam menos habilidade em lidar e o fato de as indústrias das décadas de 1970 e 1980 necessitarem de diferentes habilidades, como inovação, flexibilidade e assumir riscos, diferentemente das indústrias que puxavam o crescimento da economia anteriormente.

Mandel (1989, p. 25 apud Rodrigues 2006, p. 164) enuncia outras causas da estagnação soviética. Entre elas:

atraso tecnológico; desperdício crescente de matérias-primas e energia; baixa qualidade de muitos produtos industriais, que acarretava sua baixa competitividade no mercado mundial; baixo rendimento dos investimentos, excessivos e em grande parte efetuados em obras inacabadas e uma planificação desequilibrada e crescentemente desarticulada. (MANDEL, 1989, p. 25 apud RODRIGUES, 2006, p. 164)

Na discussão Liberman²¹, segundo Rodrigues (2006), foram discutidos os problemas sistêmicos das empresas e da economia soviética, especialmente no setor industrial. A questão da burocracia dentro das empresas foi levada à opinião pública para tentar agilizar os processos empresariais, de modo a aumentar a produtividade:

[...] organizar um sistema de planificação e de avaliação da atividade das empresas de forma que elas cheguem a se interessar seriamente por alcançar metas produtivas mais elevadas, por adotar novas técnicas e melhorar a qualidade da produção; em uma palavra, por obter a máxima eficiência produtiva. (LIBERMAN, 1969, p. 19 apud RODRIGUES, 2006, p. 136).

²¹ Discussão realizada dentro da própria URSS sobre os problemas econômicos do sistema soviético, que ficou conhecida como discussão Liberman e que irá dar base a uma segunda tentativa de reforma da economia soviética a partir de 1964-65 com A. Kossiguin.

Segundo Katassonov (2014), a reforma de 1965, baseada em grande parte na discussão Liberman, alterou profundamente as relações de produção na URSS:

A reforma de 1965-1969 transformou as empresas socialistas em produtores mercantis isolados, orientados para o lucro (o principal indicador do plano), e não em dar o seu contributo para a construção do resultado do complexo económico nacional unificado. Em substituição do modo socialista de produção surgiu o modo mercantil de produção. (KATASSONOV, 2014, p. 8)

Mikhailova (2011) esclarece que as medidas da reforma de 1965, conhecida como reforma de Kosygin, visavam “fazer com que o indicador de lucro da empresa passasse a ser critério principal da avaliação da sua atividade, pois, no sistema antigo, o principal dado estatístico do Plano era a produção total da empresa”²².

Rodrigues (2006) explica ainda que os planos centralizados “inibiam a busca de maior produção, a inovação e a elevação da eficiência por parte das empresas”. Além disso, as empresas eram submetidas aos mais variados tipos de controle. Eram ditados a elas não só os objetivos a atingir, como também os meios.

O Gosplan elaborava os planos e os repassava aos *sovnarkhozes*. Assim, a função dos *sovnarkhozes* era cumprir uma pequena parte do plano central. No próximo ano ou período eram, então, elaboradas as novas metas com base no desempenho alcançado por cada uma das empresas.

As empresas sendo avaliadas somente pela quantidade produzida, não tinham incentivo para melhorar a qualidade de seus produtos. Algumas até utilizavam de materiais mais caros, aumentando seus custos, pois esses não eram levados em conta na avaliação da empresa.

O modelo do crescimento extensivo também atingia as empresas como um todo:

Uma conseqüência dessa lógica é que, enquanto se construíam novas empresas e instalações, que absorviam enormes recursos, desprezava-se a modernização técnica das empresas existentes e o aumento de sua eficiência. Assim, as empresas permaneciam no mesmo patamar tecnológico por longos períodos. Com seu equipamento tornando-se obsoleto, estavam impedidas de produzir os novos produtos que a sociedade soviética demandava, além do que não apresentavam qualquer competitividade no mercado mundial. Essa orientação de crescimento via construção de novas empresas, somada ao fato de que os fornecimentos de materiais e meios de produção às regiões e às empresas eram praticamente gratuitos e ainda à lentidão do planejamento burocrático ultracentralizado, levava a que existissem milhares de obras inacabadas por toda a URSS. (RODRIGUES, 2006, p. 166-167)

²² MIKHAILOVA, 2011, p. 42.

4 O GOVERNO BREZHNEV (1964-1982)

Quando Brezhnev assumiu o comando do PCUS, em 1965, levantou debates acerca de qual seria o rumo do partido. Haveria uma continuação do revisionismo de Khrushchev, iniciado com o golpe de Estado em 1956²³? Ou retornariam os dirigentes do partido ao marxismo-leninismo praticado algumas décadas atrás?

Segundo Martens (1990):

a linguagem mais ortodoxa servia de cobertura para esconder o processo de decomposição ideológico e político que persistia à cabeça do partido e do Estado. A linguagem aparentemente mais marxista-leninista não correspondia a uma prática autenticamente revolucionária, mas a um comportamento hegemônico e aventureiro. (MARTENS, 1990, p. 2)

Segundo Parra (2013), havia durante o governo de Brezhnev, uma tensão entre a corrente centralista e a descentralizadora, entre ortodoxos e reformistas. Brezhnev buscava manter um certo equilíbrio para não perder o apoio de uns ou de outros²⁴.

O que é certo, porém, é a convicção de Brezhnev em seus discursos, quando trata do futuro do socialismo e do capitalismo: “O sistema capitalista conhece uma crise geral. A agressividade crescente do imperialismo reflete o crescimento das dificuldades e das contradições com as quais se debate o sistema capitalista mundial hoje em dia. (...) O imperialismo é impotente para obstaculizar o avanço da história”²⁵.

Por mais que a economia soviética enfrentasse inúmeras dificuldades no final da década de 1970, autores como Perlo e Perlo (1981) ainda se mostravam otimistas quanto ao rumo que a economia iria tomar. Os autores afirmam: “Estou convencido de que os problemas da economia soviética serão resolvidos”. E mais adiante: “Existem todas as razões para supor que a expansão econômica neste país irá alcançar o ritmo anterior”²⁶.

A URSS, porém, não retomou suas altas taxas de crescimento vistas nos anos de 1950 e 1960. Em vez disso, apresentou estagnação e teve seu inevitável colapso em 1991.

A economia soviética enfrentava diversas dificuldades, particulares do seu sistema. Algumas dessas dificuldades foram: a intensificação do movimento revolucionário e de libertação nacional do mundo; os gastos no setor militar para manter-se na corrida armamentista contra os EUA; os embargos econômicos por parte dos EUA e de outros países

²³ Martens (1990) considera o informe secreto de Khrushchev contra Stalin um golpe de Estado.

²⁴ PARRA, 2013, p. 55.

²⁵ MARTENS, 1990, p. 7.

²⁶ PERLO, V.; PERLO, E.; 1981, p. 288.

membros da OTAN à URSS e outros países socialistas; os diversos investimentos necessários para o desenvolvimento da agricultura; investimentos em regiões como a Sibéria e o Extremo Norte; o atraso relativo na produção de bens que incorporam tecnologia mais avançadas; e dificuldades intrínsecas na administração e planificação da economia²⁷.

Tais dificuldades apresentadas pelo autor estão em conformidade, também, com o que é apresentado na obra de Mikhailova (2011):

Fatores negativos do desenvolvimento socioeconômico, tais como distorções estruturais (atraso permanente do setor agrícola, prioridade da indústria bélica, desenvolvimento insuficiente do setor de serviços), crescentes “custos ideológicos” (auxílios técnicos e financeiros para outros países e gasto militar) começaram a repercutir sobre o desempenho macroeconômico, na década de 1960. (MIKHAILOVA, 2011, p. 50)

Segundo Perlo e Perlo (1981), “a ajuda aos países que edificam o socialismo proporcionará vantagens à União Soviética e aos outros países socialistas desenvolvidos em forma de relações comerciais, acordos sobre ajuda mútua, relações culturais, etc., contudo, o crescimento do movimento revolucionário no mundo, hoje em dia, requer determinados sacrifícios económicos”. A base industrial dos países socialistas menos desenvolvidos, da China, Coreia do Norte, Cuba, Vietnam, Laos e dos países africanos libertados nas décadas após a Segunda Guerra teve grande ajuda da URSS, que também forneceu a matéria-prima necessária para a indústria desses países.

O autor faz alusão aos dados reportados pela CIA ao governo americano sobre as despesas militares soviéticas. Segundo ele, esses dados eram superestimados com o intuito de conseguir mais recursos para o Pentágono por meio de atemorização de uma possível guerra. O importante, porém, é que, tanto nos dados da CIA como nos orçamentos soviéticos, não se consideravam as “despesas de materiais estratégicos básicos e de recursos humanos utilizados neste sector”²⁸.

A visão de Rodrigues (2006) vai de encontro à de Perlo e Perlo (1981) a esse respeito. O primeiro autor acredita que os dados mostrados no ocidente acerca da economia soviética subestimavam o crescimento da URSS para servir a uma guerra ideológica travada nos tempos da Guerra Fria.

Ainda sobre o desarmamento, Perlo e Perlo (1981) expressa seu otimismo ao afirmar:

Não tenho a menor dúvida de que uma viragem decidida rumo ao desarmamento real, à execução na íntegra dos acordos soviético-americanos firmados em 1972-1974 e os esforços destinados, usando as palavras de Brejnév, a ‘tornar o

²⁷ PERLO, V.; PERLO, E.; 1981, p. 290.

²⁸ Ibid, p. 292.

desanuviamiento irreversível’, contribuirá para o crescimento rápido da economia soviética e o progresso social em todos os sectores. (PERLO, V.; PERLO, E.; 1981, p. 294)

Provavelmente referia-se ao Tratado Salt, que, segundo Saraiva (2008), “previa o congelamento, por cinco anos, do desenvolvimento e da produção de armas estratégicas, bem como o controle sobre os mísseis intercontinentais e lançadores balísticos submarinos”. Esses termos poderiam ajudar a liberar recursos soviéticos para outros setores. A questão, porém, é se os soviéticos e americanos realmente seguiriam tais termos e confiariam que a outra nação tomaria a mesma atitude.

A tabela 4.1 mostra a magnitude dos gastos da URSS para fazer frente aos EUA na corrida bélica durante a Guerra Fria. Mesmo com um PIB menor, a URSS alocou mais recursos que os EUA para o setor militar.

Tabela 4.1 – Gastos militares das duas superpotências em 1985 em dólares correntes

1985	PIB (US\$ trilhões)	Despesas Militares (US\$ bilhões)	% do PIB
EUA	4,2	265,8	6
URSS	2,1	277,2	13

Fonte: RODRIGUES (2006, p. 197)

Os investimentos em agricultura e em regiões como Sibéria e Extremo Norte são, para Perlo e Perlo (1981), custos da planificação de longo alcance. Tais investimentos proporcionariam um rendimento retardado. Os recursos gastos na agricultura só seriam compensados em cerca de quinze anos. Já os investimentos nas regiões mais distantes eram necessários para que se pudessem utilizar recursos importantes, como o petróleo e o gás natural da Sibéria Ocidental.

O atraso da União Soviética a produção de bens tecnológicos, na década de 1970, não pode ser classificado de outro modo senão sendo relativo. A “marca de qualidade”, que atribui-se na União Soviética às mercadorias que correspondem aos mais altos padrões mundiais, saltou de duas mil e oitocentas mercadorias em 1971 para cinquenta e quatro mil

mercadorias em 1978. Pode-se imaginar, portanto, que o número de mercadorias cresceu muito além, devido ao advento da revolução técnico-científica²⁹.

Por fim, e talvez mais importante, estão as falhas na administração e planificação da economia. Problemas como atrasos na execução das obras, a falta de dirigentes qualificados para as fábricas e a busca “individual” por resultados visando lucros maiores, corrompiam o nível da produção soviética. Foram necessárias reformas, como a de 1965:

Em 1965, depois da respectiva resolução do plenário do Comité Central do PCUS, foi adoptada uma reforma económica e, em 1966, começou a sua concretização. Prestou-se grande atenção ao melhoramento do sistema de estímulo material dos operários, engenheiros e dirigentes. Foi colocada a tarefa de criar condições que estimulassem as pessoas a fazer esforços para o bem da sociedade, de uma determinada empresa e dos trabalhadores como indivíduos. (PERLO, V.; PERLO, E.; 1981, p. 311)

O sistema ditatorial, segundo Rodrigues (2006), também atrasa a modernização da produção:

Apesar dos imensos volumes de produção em diversos setores, em muitos deles chegando a ultrapassar os países capitalistas mais desenvolvidos no início dos anos 80, a URSS passou a acumular na década de 70 um sério atraso tecnológico nos setores de ponta da economia mundial, como a microeletrônica, a robótica, a informática, as telecomunicações e inclusive em tecnologias com aplicações militares. (CASTELLS, 1999, p. 46 apud RODRIGUES, 2006, p. 171)

(...) a indústria e as máquinas soviéticas mostravam-se obsoletas e seu sistema de gestão burocrático mostrou-se inerte para acompanhar tal mudança. Havia rotina em lugar de inovação tecnológica, baixo rendimento do trabalho e do capital, desperdício e altos estoques. Os modelos de seus produtos estavam antiquados e sua qualidade era sofrível, defasados não só em relação às necessidades da sociedade soviética como principalmente em relação às novas exigências do mercado mundial. Outro sintoma dessa defasagem era justamente o pronunciado atraso no setor de serviços. (RODRIGUES, 2006, p. 172)

O comércio externo com outros países socialistas representou, em 1977, 57% do comércio externo da URSS, o equivalente a 36 bilhões de rublos. Destes, 33 bilhões correspondem ao comércio com países membros do CAME³⁰.

Perlo e Perlo (1981) acredita que a parcela dos países desenvolvidos no comércio exterior da URSS cresceria ainda mais caso fossem eliminadas todas as barreiras que impedem o comércio entre esses países e a União Soviética. A tabela 3.1 mostra os valores correspondentes ao comércio entre a URSS e seus principais parceiros capitalistas.

²⁹ PERLO, V.; PERLO, E.; 1981, p. 296.

³⁰ Ibid, p. 326.

Tabela 4.2 – Comércio da URSS com os maiores países capitalistas industrializados (em milhões de rublos)

País	1977	1965	1950
RFA	2967	248	0
Japão	2298	326	4
Finlândia	2174	408	55
Itália	1881	225	34
França	1724	202	6
EUA	1533	89	50
Grã-Bretanha	1332	399	128

Fonte: (PERLO, V.; PERLO, E.; 1981, p. 336)

Como visto na tabela 4.2, a Finlândia, mesmo com uma economia muito menor em relação às economias de outros países capitalistas, representava uma grande parcela do comércio externo soviético. Isso se dava em função de sua política de neutralidade no conflito da guerra fria e de sua relação de amizade com a URSS³¹.

Os valores do comércio com países capitalistas avançavam, quase sempre, na medida em que tais países iam adquirindo certa independência econômica dos Estados Unidos. Esse foi o caso do Japão e de alguns países da Europa Ocidental. As relações econômicas com a França também melhoraram a partir da década de 1960, após a renúncia da França em participar ativamente da OTAN³².

Os acordos econômicos em que havia financiamento conjunto da URSS e de países capitalistas tinham tanto importância econômica quanto política. Os países capitalistas financiavam, na maior parte das vezes, os projetos de exploração de recursos naturais e recebiam em troca esses recursos por determinado período de tempo após a conclusão desses projetos. Isso reduzia as incertezas em períodos de crise e ajudava nas relações diplomáticas entre Leste e Oeste³³.

O comércio soviético-americano equivalia, em 1977, a cerca de metade do comércio soviético com a RFA. Esse valor, relativamente baixo, devia-se basicamente às emendas

³¹ PERLO, V.; PERLO, E.; 1981, p. 336.

³² Ibid, p. 337.

³³ Ibid, p. 340.

discriminatórias sobre o comércio externo americano, que impunham altas tarifas às importações de produtos soviéticos e proibiam o Banco de Exportação e Importação de fornecer crédito para a URSS adquirir produtos americanos.

Na época da guerra fria, verificava-se uma diferença nos interesses dos homens de negócio e dos líderes políticos americanos. Enquanto os primeiros eram favoráveis à diminuição das barreiras comerciais com os soviéticos, os políticos faziam o possível para criar novos obstáculos. Segundo esses políticos, os EUA não podiam depender do comércio com os povos socialistas e, por isso, incentivavam e até mesmo exigiam a mesma atitude de seus aliados³⁴.

O pouco comércio entre os dois países ocorria principalmente por meio das filiais de firmas americanas em outros países. Como existiam muitas dificuldades em relação às licenças de importação e exportação nos EUA, as relações entre os soviéticos e as empresas americanas se davam com auxílio do crédito de outros países.

O comércio da URSS com os países em desenvolvimento atingiu, também em 1977, 13% do volume total do comércio externo soviético. Acrescentando-se os países socialistas em vias de desenvolvimento, esse valor sobe para 21%³⁵.

O comércio com esses países merece não apenas atenção por sua quantidade, mas também por sua qualidade. Os propósitos desse comércio diferiam em muito do comércio realizado entre os países capitalistas e os países em desenvolvimento. A URSS, ao firmar acordos com esses países, visava a facilitação do amadurecimento do socialismo. Já o interesse dos países capitalistas era possuir empresas nesses países para explorar seus recursos de acordo com suas necessidades políticas e militares. Um fato que fortalece tal argumento é a predominância dos investimentos por parte dos países capitalistas na infraestrutura dos países em desenvolvimento, em detrimento dos investimentos na indústria pesada³⁶.

Os produtos comercializados também merecem atenção especial. Segundo Parra (2013), já na década de 1950 a economia soviética não apresentava exportação de produtos manufaturados e elementos com alto valor agregado. O que é realmente surpreendente, porém, é que nas décadas seguintes, até mesmo quando se falava na paridade das economias soviética e americana, os produtos exportados pela URSS eram, essencialmente, produtos como petróleo e gás³⁷.

³⁴ PERLO, V.; PERLO, E.; 1981, p. 348.

³⁵ Ibid, p. 340.

³⁶ Ibid, p. 341.

³⁷ PARRA, 2013, p. 59.

Como já vimos anteriormente, a economia soviética, baseada em um modelo extensivo de crescimento, começava agora a sofrer as consequências de tal modelo:

[...] em um período quinquenal típico do pós-guerra, a aplicação básica de recursos e investimentos em infra-estrutura aumentou uma vez e meia, a extração de combustíveis e matérias primas cresceu de 25% a 30%, e 10 a 11 milhões de novos trabalhadores foram recrutados, dos quais grande parte foi transferida para novos setores de produção. Essa tendência marcou todo o período correspondido entre 1956 e 1975. O último período quinquenal em que houve crescimento substancial na utilização de recursos foi 1971-75. (AGANBEGUIAN, 1988, p. 21 apud RODRIGUES, 2006, p. 165)

Ou seja, os recursos como mão de obra e recursos naturais começavam a ficar escassos, não permitindo a continuidade do modelo de crescimento extensivo. A economia soviética teria que encontrar outro modo para reverter a estagnação que vivenciava.

Segundo Aganbeguian (1988, p. 18 apud Rodrigues, 2006, p.164), a estrutura da economia soviética era, no início da década de 1980, atrasada e conservadora. A indústria extrativa e a produção agrícola ocupavam um espaço excessivo no total da produção soviética, enquanto as indústrias manufatureiras e de transformação eram insuficientemente desenvolvidas.

O autor também culpa o setor terciário que, segundo ele, seria ainda muito restrito, com o volume e a diversidade dos produtos e serviços sendo muito abaixo do esperado. Ou seja, mesmo havendo uma enorme demanda por produtos e serviços, a oferta não correspondia às expectativas dos consumidores. A qualidade, o rendimento e a competitividade da produção seriam, também, muito baixos.

Parra (2013, p. 56) afirma que a economia soviética perdeu seu ritmo de crescimento na, sobretudo na segunda metade da década de 1970, quando a URSS se converte em exportadora de matérias primas e é obrigada a tomar empréstimos internacionais. Ainda nessa época, deixou-se muito a desejar no que se refere à tecnologia, a agricultura decaiu e tolerou-se muitas situações desastrosas, como a indisciplina no trabalho e a corrupção.

Rodrigues (2006), quanto ao governo de Brezhnev, afirma:

O período Brejnev viria a ser chamado posteriormente pelos reformadores dos anos 80 de “era da estagnação”, *zastoi*. Não porque não soubessem dos avanços ocorridos no período, mas fundamentalmente por avaliarem que durante esses anos o regime desistira ou impedira que se fizesse qualquer tentativa séria para reverter a visível desaceleração do ritmo de crescimento da renda nacional. (RODRIGUES, 2006, p. 157)

5 O GOVERNO GORBACHEV (1985-1991)

Brezhnev morre em 1982 e, antes de Gorbachev, dois outros nomes lideraram o Partido. De I. Andropov e K. Tchernenko não há muito o que falar no que diz respeito a políticas econômicas. Ambos tiveram governos breves, de menos de um ano cada e, segundo Rodrigues (2006), já no governo Tchernenko era Gorbachev quem dirigia tudo.

A lógica extensiva de crescimento que, desde a década de 1930, predominou na URSS, foi assim vista por Gorbachev:

Tornou-se característica de muitos de nossos dirigentes econômicos pensar nas mais diversas maneiras de usar mais materiais e horas de trabalho num item, para vendê-lo por um preço mais elevado, em vez de se dedicarem a promover o crescimento efetivo da economia nacional. Consequentemente, mesmo com todo o rendimento bruto, havia falta de bens. Gastamos, e na verdade estamos gastando, muito mais em matérias primas, energia e outros recursos por unidade produzida do que outras nações desenvolvidas. A riqueza de nosso país em termos de recursos naturais e de mão-de-obra nos viciou e podemos até dizer que nos corrompeu. Na verdade, esta é a principal razão que possibilitou o desenvolvimento amplo de nossa economia durante décadas. Estando acostumados a dar prioridade ao fator quantitativo da produção. Tentamos controlar as taxas decrescentes do crescimento, mas o fizemos principalmente aumentando os gastos de modo contínuo. Expandimos as indústrias de combustíveis e energéticas, e aumentamos o uso dos recursos naturais na produção. (GORBACHEV, 1989, p.18 apud RODRIGUES, 2006, p. 166)

A URSS estaria enfrentando, na década de 1980, uma ruptura demográfica decorrente da guerra. Tal fenômeno se dá pela queda no número de pessoas (os filhos dos que nasceram na Segunda Guerra) que estariam atingindo a idade para trabalhar. Para uma economia baseada no modelo extensivo de crescimento, esse fenômeno seria ainda mais impactante.

O comércio externo da URSS com os países capitalistas, na década de 1980, foi marcado pelo aumento das importações, que superaram as exportações em 1985. A maior parte dessas importações era de bens de consumo, o que refletia a escassez de tais bens na economia soviética. Nessa época, os EUA e alguns de seus aliados proibiram a exportação de produtos para a URSS em retaliação à intervenção soviética no Afeganistão³⁸.

Segundo Mazat e Serrano (2012?), a ascensão de Gorbachev, em 1985, teria marcado o início do período da *Perestroika*. As reformas implementadas tinham a intenção de mudar profundamente o sistema soviético. Gorbachev pretendia reverter a estagnação da economia e aumentar o padrão de vida da população.

³⁸ MAZAT e SERRANO, [2012?], p. 23-24, tradução nossa.

Alguns economistas soviéticos consideravam que esses dois objetivos poderiam ser alcançados por meio de um relaxamento do planejamento central. A mudança mais radical pretendida pela perestroika era, contudo, a introdução de mecanismos de mercado:

Trata-se basicamente: a) da substituição do sistema centralizado de suprimento, através do qual as empresas obtêm os insumos de que necessitam pela criação de um mercado atacadista de meios de produção, isto é, por relações diretas entre as empresas compradoras e vendedoras, na contratação de seus negócios; b) da modificação do sistema de preços, de tal sorte que eles deixem de ser meros instrumentos de controle contábil e passem a ser sinalizadores efetivos para a tomada de decisões no âmbito das empresas; c) da criação de um sistema bancário que institucionalize novas condições de financiamento das atividades empresariais, tornando efetivo o princípio afirmado na Lei sobre a Empresa Estatal, do autofinanciamento ou da autonomia financeira da empresa, frente aos órgãos superiores de administração da economia. (POMERANZ, 1990, p. 166)

O discurso sobre mudanças, em um período onde quase tudo ia mal, foi bem vindo pelos soviéticos. Segundo Parra (2013), como havia problemas, era óbvio que se alguém falasse em mudanças, em soluções, em renovação, em reestruturação, esse alguém teria o apoio da maior parte da população. O problema, entretanto, foi quando os resultados de tais mudanças se mostraram negativos³⁹.

Rodrigues (2006) nos mostra algumas características dos discursos reformistas:

Os novos reformistas eram bastante precisos nas críticas às mazelas da engrenagem econômica burocrática: criticavam o quantitativismo e os desperdícios do modelo extensivo, a negligência quanto à qualidade dos produtos e aos interesses dos consumidores, a prioridade exagerada à indústria pesada em detrimento do setor de bens de consumo, a verticalização, o centralismo exagerado, o excesso de controles, a rotina e a lentidão do sistema de gestão. Mas apesar da retórica reformista espetacular e midiática, em seu início, o programa de reformas econômicas parecia bastante vago e inconsistente quanto a esclarecer através de que medidas concretas se processariam tais mudanças, como se Gorbachev, agindo com cautela ou insegurança, tateasse o terreno para suas propostas. (RODRIGUES, 2006, p. 217)

A Lei das Empresas Estatais, adotada em 1987, concedeu um substancial aumento da autonomia para as empresas. A partir daí, os planos centrais não seriam mais obrigatórios, seriam usados apenas como um indicativo de produção. Os contratos governamentais tomaram o lugar das demandas do governo e apenas uma parte da produção das empresas seria comprada pelo governo, o restante devendo ser comercializado pelas próprias empresas⁴⁰.

Essas mudanças no modo operacional das empresas, segundo Mazat e Serrano (apud DI LEO, 1991), tiveram várias consequências negativas no sistema econômico soviético. Elas

³⁹ PARRA, 2013, p. 99.

⁴⁰ MAZAT e SERRANO, [2012?], p. 25, tradução nossa.

desorganizaram a coordenação da economia, previamente garantida pelo Gosplan, que perdia pouco a pouco o controle sobre a economia soviética.

Antes da lei de 1987, o Estado tinha total controle sobre as empresas, adquirindo delas a produção que fosse necessária para o equilíbrio do orçamento. Após 1987, com a maior autonomia das empresas, o Estado não era mais capaz de coletar os impostos necessários, o que fez com que o déficit do Estado se agravasse.

Como nos mostra a tabela 5.1, a situação da URSS na metade da década de 1980 mostra que a situação era um tanto preocupante, mas não chegava a ser catastrófica. Um crescimento de 3% ao ano não é, afinal, um patamar ruim para uma economia desenvolvida⁴¹.

Tabela 5.1 – Crescimento econômico da URSS 1966-1985 (porcentagem anual)

Aspecto	1966-1970	1971-1975	1976-1980	1981-1985
Renda Nacional	7,1	5,1	3,8	3,1
Produto Industrial	8,5	7,4	4,5	3,7
Produto Agrícola	3,9	2,4	1,7	1,1

Fonte: ALDCROFT (p. 304 apud Parra, 2013, p. 101)

A tabela 5.2 ilustra a situação das grandes economias capitalistas. Podemos ver que a situação da Europa era até pior do que a da URSS e, a dos Estados Unidos não muito diferente.

⁴¹ PARRA, 2013, p. 100.

Tabela 5.2 – Crescimento da produção nas grandes economias capitalistas (%a.a)

País	1960-1968	1968-1973	1973-1979	1979-1989
EUA	4,5	3,2	2,4	2,5
Canadá	5,5	5,4	4,2	3,1
França	5,4	5,9	3,0	2,1
Itália	5,7	4,6	2,6	2,5
Japão	10,4	8,4	3,6	4,1
RFA	4,1	4,9	2,3	1,8
Reino Unido	3,1	3,2	1,3	1,7

Fonte: Estatísticas Históricas da OCDE.

Ou seja, falava-se muito em crise da economia soviética, mas, na verdade, a URSS estava acompanhando as taxas de crescimento dos grandes países capitalistas, estando até melhor do que alguns deles. Mikhailova (2011) defende que a economia soviética nunca chegou a apresentar uma crise macroeconômica. Segundo a autora, “problemas enfrentados pela economia soviética nas décadas de 1970 e 1980 nem podiam ser comparados com os da crise transformacional do período seguinte, em termos de perdas econômicas e custos para a sociedade”⁴².

A tabela 5.3 mostra as médias da taxa de crescimento anual do PIB per capita de 1950 e 1991. Reforça-se o argumento de que a economia soviética não apresentava, antes da perestroika, uma verdadeira crise. Após as reformas de Gorbachev, porém, a economia soviética teve uma média negativa das referidas taxas.

Tabela 5.3 – Taxas médias de crescimento anual do PIB per capita na URSS

Período	Média de crescimento do PIB per capita (%)
Alto crescimento econômico (1950-1973)	3,6
Estagnação (1974-1984)	0,93
Perestroika (1985-1991)	-1,3

Fonte: MADDISON (2006, p. 478-479 apud Mazat e Serrano ([2012?], p. 6)

⁴² MIKHAILOVA, 2011, p. 44.

A tabela 5.4 mostra a diferença na distribuição dos lucros das empresas estatais com a reforma de 1987. É possível verificar que em 1986, antes da reforma, uma parcela equivalente a 51% era destinada ao orçamento do Estado, enquanto nos anos seguintes essa parcela diminuiu para 46% em 1987, 39% em 1988 e 36% em 1989.

Tabela 5.4 – Distribuição dos lucros das empresas estatais na URSS, antes e depois da reforma de 1987 (em bilhões de rublos)

	1986	1987	1988	1989
Lucro total das empresas estatais	198	206	237	265
Lucro destinado ao governo	101	95	92	95
Lucro retido pelas empresas	91	97	119	138

Fonte: Mazat e Serrano ([2012?], p. 26)

6 O FIM DA URSS E AS SUAS CONSEQUÊNCIAS

Meyer (1993) argumenta que a crise na URSS tinha as seguintes características:

A crise da economia soviética, nos últimos anos de 1980, aparece sob a forma de escassez de bens de consumo, hipertrofia do setor de bens de produção e gastos improdutivos, de uma generalização da forma mercadoria em todas as áreas da economia. O mercado monetário reflete esses desequilíbrios, revelando um crescimento dos ativos monetários depositados na Caixa Econômica da União Soviética ou simplesmente guardados individualmente, dando uma medida da demanda não atendida por bens de consumo. A contrapartida social desse quadro aparece num baixo padrão de vida dos trabalhadores. (MEYER, 1993, p. 1)

Além disso, a deterioração do balanço de pagamentos e as dificuldades internas da economia soviética degradaram muito as condições de financiamento externo, aumentando muito as taxas de financiamento e diminuindo os prazos. Como resultado, a dívida externa saltou de 14,9 bilhões de dólares em 1985 para 45,4 bilhões de dólares em 1991.

Mazat e Serrano (2012?) apontam que devido aos movimentos de separação e à afirmação de líderes locais, como Iéltsin na Rússia, a URSS tornou-se cada vez mais ingovernável. A paralisação parcial do comércio entre as repúblicas acentuou ainda mais os

gargalos da economia soviética. Esses foram alguns dos motivos que levaram à desintegração do bloco soviético em dezembro de 1991.

Rodrigues (2006) diz que o fator decisivo para o fim da URSS foi o nacionalismo crescente nos últimos anos do governo de Gorbachev. Segundo o autor:

Até o início da *Perestroika* não existiam grandes mobilizações nacionalistas na URSS. Apesar da brutalidade de Stalin em relação às nacionalidades e às minorias étnicas, o país havia sido fundado sobre a proposta de respeito e convivência igualitária entre povos e nações. De uma maneira geral, dentro da URSS não se estimulavam preconceitos raciais mais arraigados. Por muito tempo, a URSS foi caracterizada por muitos ideólogos interessados como um império. Entretanto, pelo menos em termos econômicos, funcionava nela uma espécie de nacionalismo ao reverso, com a União e a principal república, a Rússia, subsidiando e mantendo um severo déficit nas trocas com as repúblicas menores, com os países do COMECOM e inclusive com países distantes como Cuba, que recebiam, por exemplo, petróleo a preços bastante inferiores aos do mercado mundial. (RODRIGUES, 2006, p. 251)

Segundo Fischer (1994), com o fim da URSS e a formação das novas repúblicas, estas tiveram que enfrentar tanto as crises macroeconômicas no curto prazo, manifestadas sob grandes déficits orçamentários, alta inflação, dificuldades com o balanço de pagamentos, quanto com problemas de crescimento no longo prazo. As reformas padrões implementadas foram baseadas em cinco pontos: estabilidade macroeconômica, liberalização dos preços da maioria das mercadorias, conversibilidade da moeda, privatização e a criação de uma rede de segurança social⁴³.

O fim da URSS reflete também o fim do CAME, o que prejudicou muito o comércio externo dos países da ex-URSS. Fischer (1994) destaca, porém, que a Rússia, por seu tamanho e relativa riqueza, seria menos afetada pela queda no comércio de tais países.

7 CONCLUSÃO

Pudemos ver que o fim da URSS não teve uma única causa. Um conjunto de fatores agiu conjuntamente para enfraquecer o sistema socialista, levando tal sistema a um colapso, em 1991.

⁴³ FISCHER, 1994, p. 236-237, tradução nossa.

A economia soviética, como foi visto, saiu enfraquecida da Segunda Guerra Mundial, mas teve uma rápida recuperação sob a direção de Stalin e Khrushchev. O crescimento da economia nesse período é reconhecido como fazendo parte de um período chamado de milagre da economia soviética, que vai da década de 1930 até início da década de 1970.

No entanto, já a partir do governo de Khrushchev, vimos o início de algumas políticas econômicas que começaram a dismantelar o socialismo na URSS. As reformas de 1957 e de 1965 começaram um processo de transição que foi, aos poucos, tirando o poder de decisão do Estado e transferindo tal autoridade para dirigentes regionais no que se refere à produção.

Elementos mercantis surgiram, em 1957, com a venda da maquinaria agrícola aos *kolkhozes*, e foram sendo fortificados, como aconteceu na reforma de 1965, com o lucro passando a ser um indicador de eficiência das empresas estatais.

Observa-se claramente que a mudança na alocação de recursos após a morte de Stalin contribuiu para o enfraquecimento da economia. Ao mesmo momento em que diminuía os investimentos na indústria pesada, aumentavam os gastos na indústria militar, esta favorecida pelo contexto da Guerra Fria.

Nesse sentido, pode-se dizer que as reformas, tanto de 1957, como de 1965, mudaram alguns aspectos das relações de produção, mas não foram diretamente responsáveis pelo mal desempenho da economia. Ou seja, mesmo alterando-se o modo de produção, a economia continuou crescendo, pelo menos até o início da década de 1970. É apenas no governo Brezhnev que a economia soviética começa a sua fase de estagnação.

No governo Gorbachev, iniciado em uma situação de baixo crescimento, porém não muito diferente dos países capitalistas, são feitas as mudanças que realmente levaram a URSS a sua desintegração. Ao permitir que as empresas tivessem autonomia quanto ao destino dos lucros, o governo se viu em uma situação na qual não conseguiu manter um equilíbrio nas contas públicas, o que desestabilizou todo o sistema, levando-o ao colapso.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFIAS

ARKHANGUELSKAIA, N. O. **Sobre algumas causas da restauração do capitalismo na URSS.** [S.l.: S.n.], 2008. Disponível em: <<http://www.hist-socialismo.com/docs/CausasrestauracaocapitalismoURSS.pdf>>. Acesso em: 15 out. 2014.

BATCHIKOV, S. **Razones y implicaciones del colapso del regimen soviético.** Rio de Janeiro: Revista Soc. Bras. Economia Política, 2009.

FISCHER, S. **Russia and the Soviet Union Then and Now.** [S.l.: University of Chicago Press], 1994. Disponível em: <<http://www.nber.org/chapters/c6021.pdf>>. Acesso em: 31 mai 2015.

HARRISON, M. **The Soviet Union after 1945: Economic Recovery and Political Repression.** [S.l.: S.n.], 2011. Disponível em: <<http://www2.warwick.ac.uk/fac/soc/economics/staff/mharrison/public/pp2011postprint.pdf>> Acesso em: 25 mai. 2015.

KATASSONOV, V. **O milagre económico soviético.** [S.l.: S.n.], 2014. Disponível em: <<http://www.hist-socialismo.com/docs/KatassonovMilagreEconomico.pdf>>. Acesso em: 15 out. 2014.

MARTENS, L. **Os anos de Bréjnev: stalinismo ou revisionismo?.** [S.l.: S.n.], 1990. Disponível em: <<http://www.hist-socialismo.com/docs/AnosBrejnev.pdf>>. Acesso em: 15 out. 2014.

MAZAT, N.; SERRANO, F. **An analysis of the Soviet economic growth from the 1950's to the collapse of USSR.** [S.l.: S.n.], [2012?]. Disponível em: <<http://www.centrosraffa.org/public/bb6ba675-6bef-4182-bb89-339ae1f7e792.pdf>>. Acesso em: 26 mai. 2015.

MEYER, V. **Economia Soviética: Introdução à História da Crise.** Bahia: UFBA. 1993. Disponível em: <<https://www.marxists.org/portugues/meyer/1993/mes/economia.pdf>>. Acesso em: 10 jun. 2015.

MIKHAILOVA, I. Determinantes da economia socialista soviética nos anos 1950-1980: do crescimento acelerado à estagnação. **História Econômica & História de Empresas**, [S.l.], nº 2, 2011.

NOREN, J. **A economia soviética vista pelos analistas da CIA**. [S.l.: S.n.], 2003. Disponível em: <<http://www.hist-socialismo.com/docs/EconomiaSovieticaCIA.pdf>>. Acesso em: 15 out. 2014.

PARRA, J. **Principales Problemas de la Economía Sovietica y su Incidencia em el Final de la URSS**. Bogotá: [s.n.], 2013. Disponível em: <<http://www.rebellion.org/docs/169450.pdf>>. Acesso em: 1 jun 2015.

PERLO, V.; PERLO, E. **Estabilidade dinâmica: a economia soviética hoje**. Moscovo: Edições Progresso, 1981.

POMERANZ, L. Perestroika: as transformações nas relações de propriedade na URSS. **CEBRAP**, [S.l.], 1990. Disponível em: <http://novosestudios.uol.com.br/v1/files/uploads/contents/60/20080624_perestroika.pdf>. Acesso em: 1 jun. 2015.

PIKHOROVITCH, V. D. **A alternativa rejeitada à reforma de mercado de 1965**. [S.l.: S.n.], 2004. Disponível em: <<http://www.hist-socialismo.com/docs/Gluchkov.pdf>>. Acesso em: 15 out. 2014.

RODRIGUES, R. P. **O colapso da URSS: um estudo das causas**. São Paulo: USP, 2006.

SARAIVA, J. **História das Relações Internacionais Contemporâneas**. São Paulo: [S.n.], 2008.

SINGH, V. **Stáline e a questão do <<socialismo de mercado>> na URSS após a II Guerra Mundial**. [S.l.: S.n.], 1995. Disponível em: <http://www.hist-socialismo.com/docs/Staline_e_a_questao_do_mercado.pdf>. Acesso em: 15 out. 2014.

STÁLINE, I. V. **Problemas Económicos do Socialismo na URSS**. [S.l.: S.n.], 1952. Disponível em: <<http://www.hist-socialismo.com/docs/ProblemasEconomicosSocialismo.pdf>>. Acesso em: 15 out. 2014.